



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

SHAYANA BAPTISTA DOS SANTOS

Ancestralizar: a arte de fertilizar raízes

RIO DE JANEIRO
2022

SHAYANA BAPTISTA DOS SANTOS

Ancestralizar: a arte de fertilizar raízes

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Corporal da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em dança.

Orientação: Prof. Dr. Renato Barreto

**Rio de Janeiro
2022**

SHAYANA BAPTISTA DOS SANTOS

Ancestralizar: a arte de fertilizar raízes

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Corporal da Escola de Educação Física e Depostos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em dança.

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Renato Barreto- Orientador

Professora Dra. Ruth Silva Torralba Ribeiro

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora Aparecida por me fortalecerem durante a caminhada. Aos meus pais, por todo amor e incentivo, aos meus professores por todos os ensinamentos e a todos e todas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Ancestralizar: a arte de fertilizar raízes, é um trabalho que tem o objetivo central de criar um vídeodança ancestral que reverbere os atravessamentos da arte presente na Pastoral Afro Negra Mariama, grupo localizado em Nilópolis, na Baixada Fluminense, refletindo a dança, fé e (re)existência de um povo que acredita que ainda é possível esperar. Propõe-se, assim, apresentar reflexões que trabalhe artisticamente os afetos e afetações causados pelos caminhos que percorri e que foram compartilhados com tantas vidas e histórias, criando registros através de vídeos e experimentando dança, música e texto que me proporcionem fazer um mergulho nas reverberações causadas pela ancestralidade. A construção do trabalho teve como ponto de partida as memórias afetivas. O uso da câmera do celular foi essencial para capturar as imagens. Por se tratar de ancestralidade, a proposta era achar beleza na simplicidade, diminuindo os excessos tecnológicos e acolhendo gestos que fazem parte do cotidiano do povo brasileiro. Sob essa ótica, podemos constatar que à medida que entramos em contato com a nossa cultura, criamos inúmeras possibilidades para ressignificar as histórias que um dia nos contaram.

Palavras-chaves: ancestralidade; dança, arte; fé, raízes.

SUMMARY

Ancestralizar: the art of fertilizing roots, is a work that has the central objective of creating an ancestral video-dance that reverberates the crossings of the art present in the Pastoral Afro Negra Mariama, a group located in Nilópolis, in Baixada Fluminense, reflecting the dance, faith and (re)existence of a people that believes that it is still possible to hope. Thus, I propose to present reflections that artistically work on the affections and affectations caused by the paths I traveled and that were shared with so many lives and stories, creating records through videos and experimenting with dance, music and text that allow me to dive into the reverberations caused by ancestry. The starting point for the construction of the work was the affective memories. The use of a cell phone camera was essential to capture the images. Because it is about ancestry, the proposal was to find beauty in simplicity, reducing the technological excesses and embracing gestures that are part of the everyday life of the Brazilian people. From this point of view, we can see that as we get in touch with our culture, we create countless possibilities to give new meaning to the stories we were once told.

Keywords: ancestry; dance, art; faith, roots.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cerimônia do café	13
Figura 2 - Pedra do Sal	17
Figura 3 - Cais do Valongo.....	25
Figura 4 - Missa Inculturada Afro.....	27

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA	9
1.1.	Justificativa	11
1.2.	Uma viagem de volta para casa	12
2.	OBJETIVOS	15
2.1.	Objetivo Específico	15
3.	METODOLOGIA.....	16
4.	ARTE ENRAIZADA NA FÉ	18
5.	MEMÓRIAS DA PEQUENA ÁFRICA.....	22
5.1.	Aquilombar: missa inculturada afro, mística e resistência	25
5.2.	O macro ecumenismo como uma forma de comum união	27
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29

1. APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

Esse trabalho busca refletir sobre a essência ancestral que reverbera através do corpo preto, tendo como ponto de partida a arte presente nas missas Inculturadas Afro, organizadas pela Pastoral Afro Negra Mariama¹, localizada em Nilópolis, na Baixada Fluminense. Essas missas buscam recontar a história do povo negro, valorizando a cultura através da mística, cantos, danças e reflexões. Segundo Aldaiza Fonseca², membra da Pastoral Afro Negra Mariama, pertencente da paróquia Nossa Senhora Aparecida, localizada em Nilópolis, Rio de Janeiro, o grupo surgiu através da campanha da Fraternidade, em 1888 e tinha como objetivo contribuir para que o povo negro expressasse toda a sua religiosidade, louvo e alegria. A pastoral se tornou um lugar de resistência de uma gente que nunca desistiu dos seus ideais e da sua cultura.

Para Eliana Vianna³, uma das fundadoras do grupo de Nilópolis, essa luta começou na época da abolição. Segundo Eliana, é importante que todas as pessoas tenham consciência da história do povo preto e que esses aprendizados sejam passados de geração em geração, para que haja uma valorização do negro através da cultura, da estética e da humanidade.

Antônio Amâncio⁴ complementa dizendo que a Pastoral Afro com muita responsabilidade faz um trabalho com a sociedade, se tornando uma identidade para todas as pessoas negras.

Esses depoimentos, registrados num vídeo de comemoração aos 30 anos da Pastoral da Baixada Fluminense, mostra a importância de ter um grupo que tem como base fortalecer a história do povo preto, valorizando a sua cultura e a sua ancestralidade através da arte, contribuindo para o fortalecimento das raízes de crianças e jovens, ensinando desde cedo à história que em muitos

¹ Grupo da igreja católica localizado na Baixada Fluminense no Município de Nilópolis.

² Membra da Pastoral Afro Negra Mariama

³ Membra e atual coordenadora da Pastoral Afro Negra Mariamac

⁴ Membro da Pastoral Afro Negra Mariama

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=I4eZOkZXAas&t=13s>. Acesso em: 1 mai. 2022.

momentos são apagadas dos livros didáticos, incentivando o povo a ter um pensamento crítico na sociedade, para não se calar diante das injustiças.

Os meus primeiros atravessamentos dançantes foram na igreja, quando eu ainda era criança. Foi ali que descobri a sacralidade que existe na dança. As minhas primeiras raízes foram fincadas ao som do atabaque, com acessórios, turbantes e roupas estampadas. Rodeada com cestas repletas de frutas e doces. Cresci num grupo que sempre lutou pela liberdade de expressar a sua identidade negra dentro da igreja católica. As músicas, danças e reflexões sobre a história de resistência do povo negro sempre estiveram presentes nessa trajetória. Participar desde infância da Pastoral Afro Negra Mariama permitiu que eu crescesse acreditando na potência das raízes ancestrais, tendo como exemplo de vida, mulheres que ressoavam sabedoria popular, passos firmes, grito das periferias, mãos dadas com os excluídos/das da sociedade e utopia por um futuro mais justo e fraterno.

Negra Mariama! Negra Mariama chama! Negra Mariama chama para enfeitar, o andor porta estandarte para ostentar, a imagem Aparecida em nossa escravidão, com o rosto dos pequenos, cor de quem é irmão. Negra Mariama! Negra Mariama chama! Negra Mariama chama pra cantar, que Deus uniu os fracos pra se libertar, e derrubou dos tronos os latifundiários, que escravizavam pra se regalar. Negra Mariama! Negra Mariama chama! Negra Mariama chama pra dançar, Saravá esperança até o sol raiar, no samba está presente o sangue derramado, o grito e o silêncio dos martirizados. Negra Mariama! Negra Mariama chama! Negra Mariama chama pra lutar, em nossos movimentos sem desanimar, levanta a cabeça dos espoliados, nossa companheira chama pra avançar. Negra Mariama! Negra Mariama chama. (Domezi, 2006, p. 120).

Na canção Negra Mariama, música de Maria Cecília Domezi, que foi divulgada na Campanha da Fraternidade de 1988, cujo título se tornou o nome da pastoral, podemos observar os ideais que são abraçados pelos membros do grupo. A música que faz referência a Nossa Senhora Aparecida, representa um convite da mãe negra para a missão. A partir desses atravessamentos, a proposta de criação é pisar com os pés descalços no chão, assentar, fortalecer, dançar e rememorar essas experiências que vivenciei ao longo desses anos, criando um vídeodança, que reflita o místico presente nessa travessia, tendo como base registros escritos de artigos e livros da Pastoral Afro, obras artísticas que foram realizadas nas missas Inculturadas, depoimentos registrados em

vídeos de alguns membros da pastoral e trabalhos que me ajudam a refletir sobre a corporeidade do povo negro que é ressoada através da arte enraizada na fé.

O videodança será realizado por meio de laboratório e todos esses registros contribuirão para as experimentações.

1.1. Justificativa

Ancestralidade é uma temática que sempre se fez presente no processo de escolha sobre o que abraçar como tema na conclusão do curso, justamente por acreditar que só conseguimos compartilhar aquilo que conhecemos e acreditamos. Retornar às raízes é se permitir acolher e transbordar o que há de mais profundo em cada ser. Retornar às raízes através da arte e da ancestralidade é acolher essa profundidade com mais generosidade, enxergando a humanidade que existe na minha individualidade. Esse acolhimento se ressignifica todas as vezes que me permito mergulhar nos atravessamentos da minha história, que é construída a partir de outras histórias.

Portanto o tema é pertinente, pois parte-se da hipótese de que diante de uma sociedade, onde o racismo ainda se faz presente, se empoderar através da ancestralidade, pode ser uma maneira de transformar corpos pretos periféricos em um ato de revolução. Registrar esses caminhos percorridos é importante para mim, porque vejo a vida como fluxo. Se hoje estou finalizando um curso na Universidade, é graças a muitos negros e negras que lutaram para que a minha geração estivesse ocupando esses lugares e é assim que quero prosseguir nessa trajetória. Sigo com o intuito de continuar abrindo caminhos para as futuras gerações.

O processo de criação é um convite para mergulhar em um memorial áudio-ancestral, através de fotografias, danças, canções e experimentações que tem como inspiração os atravessamentos que vivenciei com a pastoral Afro Negra Mariama, partindo da possibilidade de repensar o passado para fortalecer o presente e construir um novo futuro. Tendo a arte como um ativismo, que nos

possibilita encontrar a luta no afeto e o afeto na luta. Pensar no ativismo como uma forma de produção artística, me fez repensar os conhecimentos acadêmicos que nem sempre dialogam com a linguagem do povo. Não me enxergar em muitos momentos dentro da Universidade, me provocou a querer criar um diálogo onde os saberes acadêmicos não se sobrepõem aos saberes do povo. As diferentes maneiras de coexistir se entrelaçam fortalecendo o conceito de que somar é muito melhor do que dividir.

1.2. Uma viagem de volta para casa

Ter a oportunidade de pisar no continente africano é fazer uma grande viagem de volta para casa. Essa experiência de chegar mais perto do lugar onde os meus ancestrais foram sequestrados, me fizeram ter mais certeza de que me reconectar de forma intensa com a minha ancestralidade, seria uma missão de vida.

Em dezembro de 2019, exatamente no dia de Natal, fui convidada para representar o Brasil, num trabalho que foi realizado na Nigéria, país que fica localizado na África Ocidental. Em meio a tantas incertezas, a única certeza que eu tinha, era que essa viagem mudaria a minha vida e mudou. Durante o trajeto, tive a oportunidade de fazer escala e ficar alguns dias na cidade Addis Ababa, capital da Etiópia. Esse país que registra uma riqueza histórica e cultural, abriu os meus olhos, para ficar mais atenta a diversas questões da sociedade.

A Etiópia é um diamante para os viajantes aventureiros: a sensação de descoberta arrebatava o tempo todo, junto impressão de que se voltou no tempo. Não estando na capital Addis Ababa, é possível ver homens e mulheres usando roupas de 800 anos atrás, igrejas católicas esculpidas em blocos de pedra, vilarejos onde vizinhos cozinham usando todos o mesmo fogo – e repartindo a comida. As estradas ainda são de terra, mas os celulares já estão nas grandes cidades do país. Comida muito bem temperada e variada e uma inesperada influência italiana, com direito ao mais famoso doce nas grandes cidades, o "milifoli". O café preparado à maneira etíope é torrado e moído na hora e as vendedoras colocam grãos nas brasas para o cheiro atrair os fregueses. A população é gentil, festeira e espirituosa e, a despeito da pobreza, a Etiópia é um dos países mais seguros da África. A Etiópia é um país ainda a ser descoberto. Vá antes dos outros. Esqueça a imagem da pobreza dos anos 80 e experimente a realidade. (PIMENTEL, 2010, p.1).

Como mostra a figura 1, foram com os hábitos mais simples, que experimentei sabores escondidos na vida cotidiana do povo etíopiano. Participar da cerimônia do café revela toda sacralidade presente no cultivo, colheita e preparo. A temporalidade que é diferente das grandes cidades chama atenção para os processos das coisas e para a importância do tempo de espera. Enxergar com calma, escutar com atenção e sentir com profundidade, nos faz compreender a ancestralidade desse ritual que foi passado de geração em geração. Passar pela Etiópia foi como entrar numa sala de aula, cuja localização se chama escola da vida.

Figura 1- Cerimônia do café



Fonte: Autoria Própria, 2019

No *The National Museum of Ethiopia*, pude enxergar de perto, o porquê o continente Africano é considerado o berço da humanidade. A visita guiada, me lembrou da oralidade dos pequenos vilarejos, onde as pessoas contam histórias que se perpetuam ao longo do tempo.

A estadia estava muito boa, mas era preciso continuar. A estrada é longa e era necessário chegar ao destino ou ao princípio. Ao pisar na Nigéria, tive a sensação de estar mais próxima dos grandes conflitos sociais. Apesar de estar a quilômetros de distância da minha terra, muitos desses problemas eram semelhantes aos do Brasil, como por exemplo: a fome, o machismo, a má distribuição de renda, entre outras coisas. O misto de sensação ao comparar as duas realidades, me causaram muitos incômodos que me provocaram a ser mais atuante nas lutas sociais. O término dessa experiência me fez compreender que não era o fim, mas sim um divisor de águas, para um novo começo, a partir dessa realidade.

2. OBJETIVOS

A partir dessas vivências, o objetivo geral da presente pesquisa, é criar um vídeodança que trate de perceber o empoderamento de negros e negras, através da ancestralidade, tendo como exemplo os atravessamentos da arte presente na Pastoral Afro Negra Mariama.

2.1. Objetivo Específico

Trabalhar artisticamente os afetos e afetações causadas pelos caminhos percorridos, acolher registros de vídeos e experimentar uma dança que me proporcione fazer um mergulho profundo e consciente, das reverberações causadas pela ancestralidade.

3. METODOLOGIA

A construção do trabalho nasceu da escrevivência, método da EVARISTO (2016) e teve como ponto de partida as memórias afetivas. O uso da câmera do celular foi essencial para capturar as imagens. Por se tratar de ancestralidade, a proposta era achar beleza na simplicidade, diminuindo os excessos tecnológicos e acolhendo gestos que fazem parte do cotidiano do povo brasileiro. A pandemia de certa maneira também contribuiu para realização da experimentação. No momento em que foi preciso reaprender a se comunicar, o uso dos celulares e computadores, foram importantes para permanecermos produzindo artisticamente mesmo que online.

Estar “off” do convívio presencial me provocou a enxergar novos ângulos nos espaços que para mim eram familiares, mas cuja correria do dia-a-dia, não me permitia olhar com atenção. A casa, um lugar seguro, se tornou não só um ambiente de proteção, mas sim de produção. Produzir em meio ao caos, foi um processo que me conduziu mais ainda ao encontro da minha ancestralidade, pois seguia a mesma provoca(ação) de olhar para dentro e encontrar forças internas para seguir caminhando. Foi pensando nessas reverberações, que decidi compartilhar no trabalho, um pouco do lugar que tanto acolheu as minhas inteirezas durante o período pandêmico.

No primeiro momento a ideia foi relembrar pequenos gestos que se encontram na ritualidade da fé, que vai do cantarolar da canção a prece silenciosa a Nossa Senhora Aparecida. A proposta de iniciar o vídeo colocando o manto na santa foi para mostrar como a maioria das pessoas a enxergam. A música escolhida também foi uma maneira de relembrar as canções cantadas na missa Inculturada Afro. A ideia de encerrar a primeira parte da gravação trazendo a palavra Oyá e começar a segunda parte com o som de ventania, foi uma homenagem para Iansã.

Além desses registros, no dia 17 de julho de 2022, foi gravado um vídeo na Pedra do Sal, lugar de grande importância histórica, cultural e ancestral. Nesse segundo momento, danço descalça e com a imagem de Nossa Senhora Aparecida sem o manto para mostrar que a poesia profética pode ser

revolucionária desde que os pés estejam enraizados na libertação dos povos oprimidos. A retirada do manto foi uma forma de retratar que Negra Mariama não está distante, pelo contrário, ela caminha no meio do povo. Durante a gravação, algumas pessoas que subiam e desciam a ladeira, pararam para perguntar sobre a santa que eu estava carregando nos braços como mostra a figura 2. Era a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Foi nessa fresta entre movimentos e pausas que pude perceber mais uma vez, como a fé e a ancestralidade proporcionam encontros que fortalecem a vida. Dançar a música Negra Mariama, num lugar de tanta resistência, foi uma forma de (re)afirmar que a luta continua.

Para finalizar o vídeo decidi retornar ao ponto de partida trazendo a ideia de que estamos em um constante ir e vir, partir e repartir, ir além e retornar. O texto de Dom Hélder Câmara (1992), é uma oração atemporal, que nos ajuda a refletir sobre as preces que nascem do suor, da luta, dos pés cansados de tanto caminhar, dos sonhos vividos e das esperanças compartilhadas.

Figura 2- Pedra do Sal



Fonte: Autoria própria, 2022.

4. ARTE ENRAIZADA NA FÉ

A fé do cotidiano que se entrelaça com a vida. A fé que dá sentido à vida. Que nos faz refletir sobre toda a nossa existência, que foi perpassada por tantas outras existências. Que humaniza na integra o nosso corpo místico, dando sentido a todas as nossas ritualidades.

A mão que abençoa, o silêncio que escuta, a palavra que fortifica, o abraço que não julga, os pés que caminham, os joelhos que pagam promessas, os lábios que entoam as ladainhas, o olhar que acolhe, o sorriso que renova, o choro que alivia. O mistério que ganha sentido a cada ritual, transformando as crenças em certezas e a vontade de esperar num grande caminho de possibilidades. Fé não se explica, se vive. É como a arte. É preciso sentir, se entregar, acreditar. A fé vai além da lógica e do dogma. A religião pode ser um caminho que permite ao outro vivenciar uma experiência de fé, mas ela não é o conluimento da caminhada.

No documentário Fé , filme de Ricardo Dias podemos observar como a busca pela espiritualidade faz parte da tradição do povo brasileiro. Em muitos momentos essa busca anda de mãos dadas com os desafios do cotidiano. Começar o vídeo adentrando o Baixo Amazonas, já nos traz a reflexão que se encontra sobre o mistério da fluidez da vida. Se permitir mergulhar nas águas mais profundas não é fácil, exige coragem, quebra de rótulos, autoconhecimento e disponibilidade para ampliar a alma. Mais do que conhecer, é percorrer um caminho individual que é construído com base no coletivo. É pela força da coletividade em busca de um bem comum que conseguimos lutar pela construção de um mundo de paz e bem. É através da saudação de São Francisco de Assis que peço licença para ressaltar a parte do documentário que cita esse querido santo que percorreu a sua travessia ao lado dos pobres e excluídos da sociedade.

O teólogo frei Vitório Mazzuco, nos ajuda a compreender sobre atemporalidade dos ensinamentos de Francisco de Assis.

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R_cTJlumDWI&t=2991s. Acesso em: 14 jun.2021

Francisco de Assis e o Franciscanismo não são um dogma, uma doutrina, mas sim um caminho. Com eles, aprendemos a andar na existência, na graciosidade da vida. Diante de um homem como Francisco, a vida é desvelada no que ela é. Estamos hoje assistindo a um movimento que chamamos “o retorno ao Sagrado”, uma busca da proposta espiritual e religiosa que toca o ser, que provoca o conhecimento, que atinge a vida pessoal, social e os caminhos da história. Há 800 anos, Francisco vem antecipando estes acenos tópicos da busca pós-moderna do sagrado. Ele é uma hierofania (a constante manifestação do sagrado) concreta. Para ele, o sagrado transcende qualquer ente; faz-se presente em lugares e momentos. Ele coloca o sagrado ao alcance da experiência humana. No tempo, no real, na cultura, no agora e nas coisas, deixa transparecer o eterno. Francisco dialoga e convive bem com o ilimitado e o infinito, a morte e a vida. Francisco inaugurou, já no seu tempo, a construção pós-moderna: ele existe em tudo e nos detalhes da existência; ele ajuda-nos a reencontrar a Fraternidade perdida (MAZZUCO, 2019, p. 2).

Mais adiante, o documentário mostra o Terreiro, lugar de aquilombamento, acolhendo o corpo como território ancestral que potencializa a africanidade que é abençoada pelos orixás. Num determinado momento do vídeo é trazido à reflexão de que a fé tem haver com a situação do país em que se mora e que vem acompanhada de “esperança do verbo esperar” (FREIRE, 2003), como diz o Educador Paulo Freire.

Muitas e importantes foram as mensagens deixadas pelo educador brasileiro e cidadão do mundo, Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997). Contudo, algo sempre caracterizava essas mensagens: uma grande dose de esperança em um mundo melhor. Esperança para Paulo Freire tinha que ver com o verbo esperar. Para Freire todo(a) educador(a) que mereça essa denominação, não pode abrir mão da busca permanente, e, essa busca tem a ver com a capacidade de ter esperança. Esperança não como uma espera passiva, como uma espera vã. Esperança do verbo esperar que tem a ver com ir atrás daquilo que se quer, daquilo que se acredita. Assim vista, esperar é uma ação. Diferente de espera, que tem que ver com passividade, com ficar esperando que as coisas aconteçam. Nesse sentido, a esperança é vista como a possibilidade humana radical de educar-se pelo inacabamento. Esse inacabamento do humano é um inacabamento muito especial. Freire não se cansava de frisar que todo ser vivo é inacabado (BARCELOS, 2019, p. 427).

A cultura popular com toda sua sabedoria, possui uma profunda ressonância de valores que nascem da ancestralidade. As gestualidades, cujas muitas delas são transmitidas de geração em geração, são marcas que o tempo não apaga.

A valorização da oralidade proporciona que as pessoas contem as suas próprias histórias, indo de encontro ao conceito de escrevivência da escritora Conceição Evaristo (2016).

Qual o tamanho da sua história? A mão que pinta, escreve e borda é também a mão que resiste. EXISTE! Que bate o tambor. Mãos que fazem arte e registram memórias. Nossas memórias. A escrita é colcha de retalhos, é lembrança ancestral, é tempero de história. É cordão umbilical que não se corta. Dos peitos que a história se deleitou jorram cântaros de melodiosas palavras. A gente sabe, né? Palavra é pássaro selvagem: Nasce e logo sai voando. É navalha que corta fundo e apara a barba mal feita da história. Que, aliás, história que tem mais peitos do que barba. Do quarto de despejo de Carolinas, Clementinas e Firminas, à branquitude invisível dos becos de Conceição, a nossa memória está se reescrevendo com força e representatividade. Conceição que cresceu rodeada mais por palavras do que por livros. Que preferiu a dinâmica das palavras do cotidiano que movimentam a vida do que os que dormem no dicionário. Conceição das poesias que sangram para poder curar. Conceição que desperta a resistência da palavra de arte que vira ciência. Que é fio que tece a renda. Que sou eu. Que é você. Que é de todas, todos e todes. É do monte de letras que só nasce livros e acorda quando é lido. É conceito que sacode que provoca e que motiva. É a força pujante dos nossos ancestrais. É memória escrita da vivência. Palavra que despertou, cortou e voo alto. Escrever a memória vivida é uma questão de escrevivência (ITAU SOCIAL, 2020)⁷.

Permitir que as escritas se misturem com as reverberações corporais que se encontram no cotidiano, nos faz enxergar que viver é uma maneira de ser arte. Arte essa que não é romantizada, mas sim, tendo a sua base nos detalhes que a vida nos proporciona: Luta e riso, prazer e dor, coragem e medo, desafios e superações, estão misturadas, fortificadas nas histórias individuais que são construídas ao longo do tempo. . Escrever é permitir que essas histórias sejam contadas a partir das memórias que ficam e das experiências que são construídas, acolhendo a pluralidade e respeitando a essência de cada um.

No livro Olhos D'água, Conceição Evaristo (2016) traz histórias que retratam a situação atual do povo preto, sobretudo nas periferias. A escrita simples e objetiva nos envolve a ponto de tocar de forma intensa em muitas camadas da sociedade. Apesar da objetividade e dos textos curtos, não é uma leitura fácil de digerir. Se fizermos uma ligação entre presente e passado,

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bzwGCFEKEf4&t=81s>. Acesso em: 30 nov. 2021.

podemos observar que vários problemas sociais da atualidade, são consequências do racismo estrutural.

Silvio Almeida (2019), explica em seu livro *Racismo Estrutural*, como foi o processo da abolição da escravatura.

[...] após o 13 de maio e o sistema de marginalização social que se seguiu, colocaram-no como igual perante a lei, como se, no seu cotidiano da sociedade competitiva (capitalismo dependente) que se criou, esse princípio ou norma não passasse de um mito protetor para esconder as desigualdades sociais, econômicas e étnicas. O negro foi obrigado a disputar a sua sobrevivência social, cultural e mesmo biológica em uma sociedade secularmente racista, na qual as técnicas de seleção profissional, cultural, política e étnicas são feitas para que ele permaneça imobilizado nas camadas mais oprimidas, exploradas e subalternizadas. Podemos dizer que os problemas de raça e classe se imbricam nesse processo de competição do negro, pois o interesse das classes dominantes é vê-lo marginalizados para baixar os salários dos trabalhadores no seu conjunto (ALMEIDA, 2021, p. 186).

Apesar de 134 anos terem se passado, as marcas causadas pela escravidão, ainda ressoam nos dias de hoje. No dia 13 de maio de 1888 houve a abolição da escravatura, mas o povo preto foi exposto a uma sociedade sem nenhum suporte de moradia, alimentação, trabalho e estudos. O tempo foi passando e os rastros da violência histórica permaneceram até os dias atuais.

Escrever é tocar nessas feridas com sabedoria, mergulhando no passado, acolhendo as dores e conhecendo a história, afinal só conseguimos lutar por aquilo que conhecemos e acreditamos.

Apesar dos desafios, o povo preto também carrega na sua bagagem histórica uma potencialidade artística que contribui muito para a formação cultural do Brasil.

5. MEMÓRIAS DA PEQUENA ÁFRICA

No dia 22 de novembro de 2020, a Pastoral Afro Negra Mariama, juntamente com a Juventude Franciscana e o Serviço Franciscano de Solidariedade, teve a oportunidade de retornar a história, através de lugares que fazem parte da Pequena África localizada no Rio de Janeiro.

A experiência começou no convento de Santo Antônio, localizado no Largo da Carioca. Logo pela manhã, nos reunimos para distribuir as tradicionais quentinhas para os moradores em situação de rua, que são oferecidas todos os dias pelo Sefras (Serviço Franciscano de Solidariedade). O trabalho voluntário por si só já é um momento de reflexão. Em meio à agitação da cidade grande, podemos observar o enorme número da população em situação de rua, sendo negros e pardos a grande maioria. Após a distribuição nos reunimos para um almoço, que teve como prato angu a baiana e como sobremesa os famosos quitutes de antigamente. A culinária também é uma forma de resistência e saborear alimentos que carregam memória, é como rememorar a vida de tantas mulheres que fizeram da cozinha a sua forma de expressar os seus dons. Após a refeição, percorremos o trajeto da região conhecida como a Pequena África.

Caminhar pelas ruas do Rio, conhecendo historicamente a herança deixada pelos negros que foram escravizados, nos faz ter uma outra relação com a cidade. Diariamente milhares de pessoas caminham pelas ruas sem ter noção da grande contribuição da mão de obra negra para construção histórica e cultural do Estado do Rio de Janeiro. A experiência de abrir os olhos para essas questões que na maioria das vezes são esquecidas, nos faz acolher com profundidade cada gota de sangue que foi derramada por ancestrais que foram escravizados. Esse sangue está escondido nos becos, favelas, vielas e grandes arquiteturas presentes na cidade. A Pequena África vem reforçar que o nosso país tem como herança as rodas de samba, o jongo, a capoeira, as religiões de matriz africana, as comidas típicas e tantos outros presentes deixados pelo povo negro.

Esse ato de retornar ao passado, nos permite ativar todas as nossas memórias, histórias, lutas, dores e superações. Esse processo nem sempre é

fácil, pois as feridas causadas na população negra, ainda estão muito latentes. Compreender que só é possível alcançar a cura, quando tocamos com responsabilidade nessas feridas que ainda estão expostas, nos permite sentir a profundidade da pele que une dois mundos: o mundo interno e o mundo externo. Retornar ao chão é encontrar forças nas raízes ancestrais e fazer dessa força um motivo para continuar lutando por um mundo mais igualitário. Durante o trajeto, caminhamos até a estátua da Mercedes Baptista, localizada no Largo de São Francisco da Prainha. Quando se fala de dança afro brasileira, ela é uma das maiores referências.

Segundo o documentário: “Balé de pé no chão- a dança afro de Mercedes Baptista”⁸. A bailarina nascida em Campos dos Goytacazes - RJ realizou os seus estudos de dança no Theatro Municipal, tornando-se a primeira bailarina negra. Infelizmente o racismo, a impossibilitou de participar de muitos espetáculos clássicos no Rio de Janeiro. As suas participações eram sempre especiais e os papéis específicos.

No documentário, Abdias do Nascimento, ativista do movimento negro e criador do teatro negro, relata que eles tentaram criar uma nova estética para o espetáculo e que apesar das músicas e danças, as apresentações eram de grande violência dramática.

Em julho de 1950, passou pelo Brasil uma companhia de balé negro americano chamado *Katherine Dunham*. Foi através do encontro com a bailarina americana, que Mercedes foi convidada para fazer um curso nos Estados Unidos. Ao retornar para o Brasil, Baptista começou a compartilhar todo conhecimento que adquiriu durante a sua trajetória. Com isso, ampliou o seu próprio caminho e abriu a sua escola de dança. Os seus trabalhos carregados de força, vitalidade e ancestralidade, atravessaram outros corpos negros, que valorizaram com maestria a beleza do folclore brasileiro.

O documentário também retrata a importância da contribuição do candomblé para a cultura brasileira. Mercedes Baptista, ressignificou a arte trazendo movimentos enraizados na dança negra. Os sons dos atabaques

⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=x9CMU4aayjU&t=125s>. Acesso em: 7 out. 2021.

muitas vezes silenciados se tornaram potência. As bailarinas e bailarinos que antes não se viam nos espaços dançantes começaram a trilhar um caminho de novas possibilidades. O samba foi apresentado com alas coreografadas e a dança preta nasceu, cresceu, resistiu, insistiu e resiste até hoje. Salve, Mercedes Baptista!

No Largo da prainha realizamos uma roda para celebrar a força que a arte proporciona para a cultura brasileira. Aos pés de Mercedes Baptista cantamos, tocamos, dançamos jongamos. Caminhamos mais um pouco e chegamos até a Pedra do Sal.

A Pedra do Sal foi valorada por simbolizar o território das relações sociais e afetivas, que se manifestavam como as rodas de samba, as danças, as festas, as comidas, os rituais de candomblé. Com o fim da escravidão foi a maneira como os negros pobres excluídos socialmente encontraram para perpetuarem e recriarem suas tradições, com práticas que serviam como uma válvula de escape para a vida que era difícil e de resistência cultural. (VENTURA, 2016, p. 15).

Naquela comunidade que é referência para cultura Afro-brasileira, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais da história do local. Na comunidade também relembramos alguns nomes de artistas e ativistas que abriram caminhos para as nossas gerações. Os estandartes feitos à mão era uma forma de representar que não estamos sós nessa luta. Somos continuidade de Zumbi, Dandara, Marielle e tantos outros.

A continuidade do percurso nos levou até o Cais do Valongo. Na figura 3, podemos observar esse lugar que historicamente faz parte da construção da cidade do Rio de Janeiro. Segundo o artigo Cais do Valongo: patrimonialização de locais, objetos e herança africana CARNEIRO e PINHEIRO (2015), esse local é considerado o principal porto de entrada dos africanos escravizados no Brasil e possui uma africanidade cultural com nexos religiosos específicos, sendo um símbolo da diáspora africana.

Figura 3- Cais do Valongo



Fonte: Conexão UFRJ, 2017

Até os dias de hoje, a africanidade é muito presente em cada detalhe da Zona Portuária e entender o chão que pisamos, é se permitir acolher as reflexões que nos atravessam com força. Relembrar as lutas de tantos negros e negras que lutaram nos navios negreiros, é gritar contra toda forma de injustiça e opressão.

5.1. Aquilombar: missa inculturada afro, mística e resistência

A vida imita a arte ou a arte imita a vida? Na travessia das nossas histórias podemos observar como a arte nos ajuda a compreender a vida. Em muitos momentos ela tem a missão de suavizar a carga pesada que nos é imposta. “A missa dos Quilombos”⁹, celebração que foi realizada pela primeira vez na Praça

⁹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LM7fmPerZLM&t=1331s>. Acesso em: 13 mai. 2022.

do Carmo no Recife em 1981 e depois se tornou peça teatral com texto de Dom Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, e a trilha sonora de Milton Nascimento, nos ajuda a reviver a história dos nossos antepassados.

Em 2011, membros da Pastoral Afro Negra Mariama, tiveram a oportunidade de assistir presencialmente esse grande espetáculo, que nos convida a pensar constantemente nas questões sociais que se reverberam até os dias de hoje.

No início dos anos 80, a Missa dos Quilombos propunha a “libertação” dos negros, “porque a sensação que tem o povo é de estar oprimido, escravizado, dominado, por poderes mais ou menos anônimos, que o exploram, reprimem, impedem que tenha voz e vez” (CATÃO, 1986: 70-71). Mas como aconteceria tal libertação? Ela aconteceria pela via do questionamento da condição social de privações (históricas) sofridas pelo negro, tornando-se plena na utopia do “Novo Palmares”, a imagem poética de uma realidade alternativa para a população negra no Brasil. Essa imagem aparece de diferentes maneiras ao longo do disco, desde o canto de entrada à marcha final. (Canton, 2009, p. 8).

A missa dos Quilombos busca resgatar a história do povo negro, a partir das suas memórias, da afirmação da identidade e da humanidade que em muitos momentos foram esquecidas. Cada música nos proporciona um tempo de reflexão a partir da época em que o texto foi escrito. Poder acolher todos os questionamentos fazendo uma ligação da história da igreja e da história do povo preto, nos provoca a questionar as estruturas. A poesia profética pode ser revolucionária, desde que os pés estejam enraizados na libertação do povo oprimido.

Na paróquia Nossa Senhora Aparecida de Nilópolis, as missas inculturadas acontecem todo dia 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida e dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra. As celebrações sempre nos proporcionam um momento de fortalecimento cultural, profético e ancestral, nos impulsionando para continuar caminhando e resistindo. As artes presentes nas missas que valorizam a cultura negra contribuem para caminhada cujos passos têm a missão de quebrar muros e construir pontes. Dançar a ancestralidade, ressignificando as estruturas e experimentando novos olhares, me permite sentir o sabor doce e amargo da vida. Sabores que se entrelaçam e me fazem refletir sobre a minha maneira de dançar, ser e estar no mundo. Na figura 4, pode-se observar um dos banners da Pastoral Afro Negra Mariama.

Figura 4- Missa Inculturada Afro



Fonte: PASCOPAR Paróquia Nossa Senhora Aparecida- Nilópolis, 2021.

5.2. O macro ecumenismo como uma forma de comum união

O ser humano pressente que o cosmos goza de estabilidade que advém de fontes poderosas que vão além do esforço humano. Para conseguir explicar, cria a religião objetivando sacralizar o universo e seus mistérios e explicar o que a razão humana não entende. Nasce então “a ideia do sagrado” O homem o concebe como algo que transcende a vida normal. O homem é um ser cultural e esta premissa o faz buscar sentido para o universo de coisas que o rodeia. Enquanto constrói os significados vai adquirindo hábitos que são culturais e religiosos. Se o ser humano e o mundo são culturais, a compreensão do sagrado também é cultural. (TOCHETTO, 2008, p. 1).

A Pastoral Afro é um lugar que nos permite ampliar o campo de visão em relação à liturgia. Quando nos permitimos acolher as diferentes culturas compreendemos que a maneira como nos relacionamos com tudo que está a nossa volta, vai muito de encontro com as nossas experiências. Inculturar uma missa não é reproduzir fielmente a cultura de um lugar, mas sim acolher as reverberações causadas e transformá-las numa experiência de fé. Essa vivência de ser uma igreja em saída nos provoca a caminhar de mãos dadas com outras realidades. Isso faz com que compreendamos a importância do macro ecumenismo. O Papa Francisco sempre incentiva a igreja em saída.

Existe um direito humano fundamental que não deve ser esquecido no caminho da fraternidade e da paz: é a liberdade religiosa para as pessoas que creem de todas as religiões. Essa liberdade manifesta que podemos “encontrar um bom acordo entre culturas e religiões diferentes; testemunha que as coisas que temos em comum são tantas e tão importantes que é possível identificar um caminho de convivência serena, ordenada e pacífica, na aceitação das diferenças e na alegria de sermos irmãos porque somos filhos de um único Deus (PAPA FRANCISCO, 2020, p.199).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse estudo observou-se que a ancestralidade nos permite fazer um mergulho profundo na nossa própria vivência, retirando camadas que em muitos momentos são impostas pela sociedade, para acolher o ser na sua maneira mais simples de (re)existir. Quando se fala em ancestralizar, é possível argumentar que na medida em que valorizamos as nossas raízes e nos permitimos entrar em contato com a nossa cultura, criamos inúmeras possibilidades para ressignificar as histórias que um dia nos contaram. A Pastoral Afro Negra Mariama, através das suas artes refletidas nas danças, cantos, memórias e palavras proporcionou para muitas pessoas, momentos de reflexões, que tinham como base a arte de fertilizar raízes.

Acolher as reverberações que foram construídas ao longo de uma vida e transformá-las em arte não foi fácil. O processo de desconstrução ou reconstrução é um longo caminho a ser percorrido, mas quando me entrego para arte de ancestralizar, a própria ancestralidade aponta uma resposta, porque ela existe e pulsa internamente. O maior desafio é silenciar a gritaria externa para abraçar a sabedoria do corpo que é ancestral.

A proposta de fazer um vídeo simples, foi muito de encontro com o que acredito que seja a arte de fertilizar raízes. Por mais que tenhamos muitas possibilidades tecnológicas, é a simplicidade que reverbera a beleza presente na fé, na luta, nos encontros e reencontros da vida.

Esse estudo procurou apenas fazer uma reflexão sobre os diferentes caminhos que podemos trilhar, a partir do conhecimento em relação aos nossos ancestrais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BARCELOS, V. H. L. **Pedagogia do oprimido- um grito manso e de esperança**, UFSM. Rio Grande do Sul, V.42 n.3, 2019.
- CANTON, C. **Das “velhas senzalas” às “novas favelas”**: a Missa dos Quilombos, Fortaleza, 2009.
- CARNEIRO, Sandra de Sá; PINHEIRO, Márcia Leitão. Cais do Valongo: patrimonialização de locais, objetos e herança africana. **Religião & Sociedade**, v. 35, p. 384-401, 2015.
- COMPANHIA ENSAIO ABERTO. **Missa dos Quilombos- Companhia ensaio aberto**. 2017. (90 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LM7fmPerZLM&t=1329s>. Acesso em: 13 mai. 2022.
- Documentário **Balé de Pé no Chão: a dança afro de Mercedes Baptista**. 1 vídeo (51:46). Produção:Terra Firme digital, 2005. Co-Produção: Sesc TV.Direção: SANTIAGO, L.S; MONTEIRO, M. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x9CMU4aayjU&t=112s>. Acesso em 7 outubro 2021.
- DOMEZZI, M.C. **A devoção nas CEBS: Entre o Catolicismo Tradicional Popular e a Teologia da Libertação**. São Paulo, 2006.
- EVARISTO, C. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- ITAÚ SOCIAL. **Seminário A Escrivência de Conceição Evaristo: Primeiro dia**. 2020. (127 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzwGCFEkef4&t=135s>. Acesso em :30 nov. 2021.
- Mazzuco, V. **O caminho Franciscano na Espiritualidade**. Cartilha de Formação do Alverne. UFS- Universidade São Francisco

NASCIMENTO, M. B. **Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição**. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a Fraternidade e a amizade social**. São Paulo: Paulinas Editora, 2020.

PASCOM, A. N. **Pastoral Afro Negra Mariama- 30 anos**. Publicado pelo canal Pascom Aparecida Nilópolis, 2019. (7:34 min). Disponível em: <https://youtu.be/l4eZOkZXAas>. Acesso em: 1 mai. 2022.

PIMENTEL, Jayr. Rostos da Etiópia. **Aurora.**, n. 8, p. 170-170, 2010.

TOCHETTO, Z. M. **O Homem constrói sua cultura e o significado religioso do mundo**. 2008.

VENTURA, V. O. **Pedra do sal/patrimônio cultural/museu**. 2016. Dissertação) Mestrado em Museologia e patrimônio - Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.